

O ESTADO DE RECREIO: DESPERTANDO A VIDA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Maria Jade Pohl Sanches¹

Fernando Russo Costa do Bomfim²

Resumo

Seja bem-vindo(a) ao mundo encantado do Recreio Escolar, um espaço onde as crianças mergulham na brincadeira, aprendendo a resolver conflitos, construir e desconstruir regras. Esse estado de imersão e diversão, conhecido como Estado de Recreio, é o foco desta pesquisa que une três pilares fundamentais: Recreio, Formação de Professores e Educação Especial. O objetivo é compreender como o Estado de Recreio, por meio de estratégias brincantes, pode contribuir na formação de professores que trabalham com corpos surdos. A pesquisa foi conduzida através de uma experiência na disciplina de Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, na qual observou-se que a maioria dos planos de aprendizagem demonstrou uma ausência desse "recrear-se", predominando um ensino tradicional de reprodução, que infantiliza os estudantes surdos devido à sua deficiência auditiva. Analisando os resultados, torna-se evidente a necessidade de encontrar "paraquedas coloridos" de ensino e espaços escolares que tirem os alunos da sala de aula, utilizando abordagens lúdicas que possam estimular a aprendizagem dos estudantes surdos de maneira significativa.

Palavras-chave: Recreio, Formação de Professores, Educação Especial, Estudantes Surdos.

THE STATE OF RECESS: AWAKENING LIFE IN THE TRAINING OF TEACHERS IN SPECIAL EDUCATION COURSES

Resumen

Welcome to the enchanted world of School Recreation, a space where children dive into play, learning to resolve conflicts, build, and deconstruct rules. This state of immersion and fun, known as the State of Recreation, is the focus of this research that combines three fundamental pillars: Recreation, Teacher Training, and Special Education. The objective is to understand how the State of Recreation, through playful strategies, can contribute to the training of teachers working with deaf students. The research was conducted through an experience in the Teaching of Portuguese Language for the Deaf discipline, in which it was observed that the majority of the learning plans demonstrated a lack of this "recreating oneself," with a predominance of traditional teaching methods that infantilize deaf students due to their hearing impairment. Analyzing the results, it becomes evident the need to find

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Pós-Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar - Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

colorful teaching "parachutes" and school spaces that take students out of the classroom, using playful approaches that can stimulate meaningful learning for deaf students.

Keywords: Recreation, Teacher Training, Special Education, Deaf Students.

Quando toca o sinal

"(Um pátio, uma quadra, bancos por todos os lados, dia ensolarado, céu azul sem nuvens, crianças olhando para o relógio, corpos tensos, adrenalizados, cansados, entediados, o recreio espera para começar!)"

Primeiramente, me apresento como autora deste artigo, formada em Teatro licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2018, graduanda em Educação Especial e pesquisadora do Ensino de Língua Portuguesa para Surdos. Este trabalho trata de uma pesquisa qualitativa, narrativa, e o tema parte da minha perspectiva sobre a união de três vertentes: Estado de Recreio, Formação de Professores e Educação Especial.

A partir desta inter-relação, e de uma admiração pelo recreio escolar, inquietei-me com diversas questões. Uma delas é quando o sinal do recreio toca, ele não é palpável, mas é ansiado por todos, e quando soa, a balbúrdia está lançada, a correria começa, o arrastar das classes, a algazarra se lança para o pátio onde a experiência acontece, o jogo, a brincadeira, o estado de ânimo, o frio na barriga, não precisaria acontecer somente neste intervalo de vinte minutos, poderia acontecer também dentro da sala de aula, e por quê não?

Como se daria este Estado de Recreio em sala de aula? Como o professor poderia afetar seus estudantes e se deixar afetar para que houvesse o recreio existencial em sala de aula? A Educação precisa ser séria? Sisuda? Infantilizada? Verticalizada? Tradicional? Ou ela pode simplesmente ser um Recreio, onde ocorre a experiência? O Estado de Recreio pode acontecer também no Professor? Afinal, para criar afetos, precisamos também nos permitir, nos afetar...Junto com essas inquietações, surge o principal problema da pesquisa: Como estimular o Estado de Recreio na formação de professores do curso de Educação Especial que irão trabalhar com o corpo surdo?



Procuro responder a este problema a partir do meu objetivo geral: Compreender o Estado de Recreio, em estratégias brincantes, para a formação de professores que trabalharão com corpos surdos. E meus objetivos específicos que são: Discorrer sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola; identificar a importância das metodologias como estratégias brincantes de ensino e de aprendizagem do Estado de Recreio na Educação Especial e na Educação de Surdos.

Os objetivos mencionados derivam de teorias, vivências e práticas obtidas por meio da observação de estratégias de ensino desenvolvidas na disciplina de Educação Especial intitulada "Ensino de Língua Portuguesa para Surdos", juntamente com as discussões embasadas na Pesquisa Narrativa. A metodologia, que será detalhada no segundo capítulo, baseou-se em relatos de experiência provenientes dessa disciplina, na qual busquei investigar a seguinte questão: Houve a manifestação do Estado de Recreio nas estratégias apresentadas ao longo do semestre? O embasamento teórico fornece suporte para a discussão que apresento, a partir do conceito de Estado de Recreio na Educação, explorando as ideias de Silva (2019) e Larrosa (2002), que estabelecem conexões com as proposições de Krenak (2019) acerca da desverticalização da escola e uma abordagem diferenciada de educação brincante.

Para dialogar sobre estratégias lúdicas destinadas aos professores, faço referência a autores que abordam a infância, como Deleuze (1997), e para discutir a prática de ensino, destaco o trabalho de Freire (1996), que propõe a Pedagogia do Oprimido como um meio de repensarmos nosso papel como professores e estudantes, nos enxergando como protagonistas. Além desses, outros autores que encontrei ao longo da jornada no ambiente escolar também contribuem para essa discussão. Divido meu artigo em três capítulos, cada um deles representado pelos toques de sinais que indicam o tempo de recreio, que é o próprio estudo.

Na primeira seção do artigo abordo o conceito de Estado de Recreio e sua importância em ser estimulado na escola. Defendido por Silva (2019), o recreio é um espaço de convivência onde as crianças podem viajar, brincar, dialogar e trocar conhecimentos. Nesse ambiente imersivo, elas interagem com os outros, resolvem

conflitos e se tornam protagonistas em suas vivências e criações. Apresento esse conceito e discuto a relevância de estimular o Estado de Recreio em outros espaços escolares.

Na segunda seção, discuto a existência ou não do Estado de Recreio nas estratégias apresentadas pelos acadêmicos do curso de Educação Especial, na disciplina Ensino de Língua Portuguesa para Surdos. No contexto da Educação de Surdos, Freire (1996) propõe uma transformação de paradigmas para repensar o ambiente escolar, buscando conferir um profundo significado a esse contexto para os estudantes.

Finalmente, na última seção, analiso as estratégias da disciplina e defendo a importância do Estado de Recreio na Formação de Professores da Educação Especial. Isso implica repensar os planejamentos para o ensino e aprendizagem dos estudantes surdos.

Agora eu pergunto: estão prontos para ir ao pátio? O recreio começou!!!

Primeiro sinal: é hora do recreio!

O momento do recreio é de extrema importância para a aprendizagem. A escola é um espaço que engloba duas dimensões de trabalho: o estudo e a convivência social, os quais se complementam. O Estado de Recreio, conceituado por Sanches (2018), engloba sinônimos como Estado de jogo, disponibilidade e presença que surge como uma energia vibrante, uma disposição da criança em estar totalmente envolvida na experiência lúdica e criativa:

As atividades lúdicas permitem que vivenciemos com inteireza um espaço-tempo próprio, que estejamos plenos na experiência, nos entregando a ela sem julgamentos, sem coerções, sem imposições e direcionamentos controladores, com abertura para novas possibilidades. Assim, considero como lúdicas não apenas as atividades que envolvem brincadeiras e jogos, mas também aquelas que possibilitam que se instaure esse estado de inteireza e entrega (PORTO, 2004, p. 82-83).

Esse estado de inteireza e entrega, Ryngaert (2009) também descreve esse estado como um estado de alerta, uma presença viva consigo mesma, com o mundo

e com os outros. De acordo com Alves (2004), o recreio é um conteúdo rico e polissêmico que nos ajuda a compreender e explicar a complexidade e dinâmica do cotidiano escolar. Ao observarmos esse intervalo, podemos compreender a cultura, história, subjetividade e a presença do estado corporal dos estudantes.

Afinal, a expressão da criança é marcada pela intensidade e sua aprendizagem se dá por meio da experimentação e da brincadeira. Deleuze e Guattari (2011) afirmam que a imaginação da criança possui um corpo com órgãos (o corpo físico) e um corpo acessório (sem órgãos), os quais estão constantemente se misturando em diferentes combinações, criando diversas conexões com suas vivências.

No ambiente escolar, especialmente durante o recreio, surge a pergunta: qual é o estado de jogo que as crianças experimentam ao brincar? Por que há tanto tempo dedicado aos estudos e tão pouco tempo para o lazer? O intervalo escolar é descrito pelas crianças como um lugar divertido, e se dependesse delas, prolongariam esse tempo de vinte minutos para brincar e se divertir ao longo do dia. Essa divisão clara entre a sala de aula como um espaço sério de trabalho e o pátio como um símbolo de diversão e liberdade é enfatizada por Silva (2019), é o que faz os olhos das crianças brilharem:

Então, ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem (LUCKESI, 2014, p. 18).

O recreio ocorre diariamente como uma experiência única e irrepitível, algo que nos acontece, nos toca e nos transforma. Larrosa (2002) argumenta que a escola está cada vez mais distante do verdadeiro significado da experiência, devido ao excesso de informação e opinião. Os estudantes passam cada vez mais tempo na instituição e, ironicamente, têm menos tempo para vivenciar algo que os afete verdadeiramente. O sujeito da experiência, conforme Larrosa (2002), é como um território de viagem, aberto e disponível, uma superfície sensível na qual o que acontece tem algum impacto, deixa rastros e efeitos. Esse espaço potencial que

permite o surgimento de afetos e deixa marcas é o tempo do recreio. Essa disponibilidade, muitas vezes manifestada fisicamente por meio de adrenalina, suor, coração acelerado e frio na barriga, é o que Sanches (2018) denomina como Estado de Recreio, conceito próximo ao que Freire e Scaglia (2009) chamam de Estado de Jogo.

Freire e Scaglia (2009) afirmam que muitas vezes, quando a criança está brincando, a escola não reconhece essa atividade como aprendizagem significativa para a vida e acredita que ela não está aprendendo. Para alguns adultos, é apenas uma confusão e não tem importância em uma sociedade séria. Na literatura, é comum referir-se aos "jogos", mas pouco se reflete sobre o ato de jogar em si. Godoy *et al.* (2022) afirmam que ao usar o termo "jogo", estamos nos referindo à manifestação em si, ao conceito, enquanto o termo "jogos" se refere à materialização dessas manifestações em objetos culturais, como brincadeiras, artes, esportes, entre outros.

Dessa forma, de acordo com Freire e Scaglia (2009), o jogo pode ser percebido, em muitas ocasiões, como uma ameaça devido à sua aparente oposição à sistematização e à responsabilidade tão valorizadas pela sociedade. Por esse motivo, propor a inclusão do jogo nos currículos escolares é considerado perigoso: "Para evitar riscos, a escola prefere abrir mão da riqueza pedagógica do jogo" (p. 167). Nesse sentido, é difícil não lembrar de Foucault (1987) e sua problematização do sistema panóptico de Vigiar e Punir, no qual a vigilância é necessária para manter o controle. Seria o jogo uma ameaça a esse sistema de manutenção da ordem, como mencionado anteriormente?

Outro estímulo que emerge do Estado de Recreio (SANCHES, 2018), enfatizando novamente o termo jogo, é a criatividade: ninguém cria se não tiver liberdade para fazê-lo. O ato de jogar constitui um terreno fértil de transgressão, liberdade e ruptura com antigas fórmulas (FREIRE; SCAGLIA, 2009). Em essência, criar é formar (OSTROWER, 1977), é capacidade de dar forma a algo novo. Independentemente do campo de atividade, essa "novidade" consiste em conexões recentemente estabelecidas com o espírito humano, fenômenos que são relacionados e compreendidos de uma nova maneira. Assim, o ato de criação inclui

a capacidade de conhecer, associar, ordenar, configurar e atribuir significado.

Como esse corpo é afetado pela externalidade? O que podemos perceber a partir da euforia, do calor, dos risos e de tantas outras expressões que potencializam esse corpo em estado de recreio? Souza (2014) observa que o espaço do recreio é onde os estudantes se entregam à brincadeira, sentem-se livres, dialogam entre si, expressam seus interesses, descontentamentos, conflitos, desejos e conhecimentos. Eles elaboram regras, saberes e formas de lidar com o outro. É um estado de compreensão do mundo, de participação na cultura e de transformação dela. Esse Estado de Recreio nos componentes curriculares nos ajuda a discernir entre o que é estereotipado e infantilizado e o que é real e expressivo, como o riso autêntico de uma criança durante o jogo.

No decorrer desse jogo, a expressão corporal dos estudantes é um termômetro pelo qual podemos descobrir se eles estão gostando ou não da proposta. Quando estão envolvidos no planejamento, eles exibem corpos vivos, presentes e atentos. Esses corpos participantes precisam ser despertados, como observa Le Breton: "A preocupação moderna com o corpo, no âmago da nossa 'humanidade sentada', é um incansável indutor de imaginários e práticas. Já é um 'fator de individuação', o corpo duplica os sinais de distinção, exibindo-se como um fazer-valer" (BRETON, 2003).

Destaco a importância do estímulo do Estado de Recreio para mudar a perspectiva sobre o que é ensinado, questionar e emocionar-se, a fim de obter conhecimento. A afetividade pode tanto sufocar quanto fortalecer o conhecimento. Existe uma estreita relação entre inteligência e afetividade: a capacidade de raciocínio pode ser diminuída ou até destruída pela falta de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode até mesmo ser a causa de comportamentos irracionais (MORIN, 2000).

Walter Benjamin (1984), um filósofo que também aborda esse tema, oferece a possibilidade de pensar na infância não de maneira linear ou romantizada, mas como um indivíduo social. Quando falamos sobre a importância do brincar na educação, é crucial ressaltar que o protagonista dessa experiência é o próprio estudante (seja criança, jovem, adulto ou idoso). É ele quem enriquece sua ação

imaginativa. Devemos acolher, sem interferências, a capacidade do estudante de criar, inventar histórias e imaginar, permitindo que seu imaginário social se reflita em suas ações: “Por acreditarmos que ensinar e aprender podem ser práticas extremamente prazerosas e criativas nesses contextos. E por não mais pretender ver esse princípio negado em espaços educacionais” (LEAL, 2013, p. 43).

Na formação de professores, quais são as expectativas em relação aos princípios educacionais dos estudantes surdos? Benjamin (1984) propõe a ideia de brincar em nossas práticas cotidianas, tanto na educação quanto na vida. Brincar no sentido de protagonizar, interpretar, respeitando a autonomia e autenticidade dos estudantes. O autor nos incentiva a ouvir, observar, reconhecer as línguas, diálogos, construções, particularidades e criações. Isso me faz refletir, como professora em formação, com quem estou aprendendo? Como estou me desenvolvendo? Minha prática é acessível? Estou proporcionando momentos de questionamento? O que estou ensinando faz sentido para os estudantes?

Devemos trazer o Estado de Recreio para as escolas e outros espaços, experimentar, descobrir nossas potencialidades, nos reinventar e nos redescobrir. Benjamin, em seus estudos sobre a Infância (1984), utiliza a estética para tratar da percepção da dimensão humana corpórea, do sentido, da experiência, do sentimento, da criatividade, das imagens, da poesia e da memória. Esse Estado Criança está presente por meio de uma abordagem autobiográfica, através do brincar, da arte, da pedagogia, dos livros, recordações da própria ludicidade:

[...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o sujeito (LUCKESI, 2006, p. 6).

O Estado de Recreio pode ser definido como Estado Lúdico. De acordo com Luckesi (2004), a atividade lúdica é aquela que faz a pessoa sentir-se livre e plena durante todo o processo, sem divisão em sua personalidade entre ser lúdico e não-lúdico. Isso acontece porque, quando se pratica uma atividade lúdica, o ser humano vive uma experiência completa, entregando-se totalmente, sejam estudantes ou até mesmo os professores em um constante retorno de outrora e o redescobrimto de agora.

A infância em nós! Bachelard (1988, p. 125): “Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma”. Alma de infância? Crianças no recreio! Recreio em nós, professores. Professores e crianças em Estado de Recreio!

Segundo sinal: um olhar recreativo sobre as práticas do ensino de Língua Portuguesa para surdos

Com que frequência, durante nossa infância, experimentamos o desejo de escapar da sala de aula? De criar um paraquedas que nos libertasse daquele momento monótono?

Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. Então, que a gente pare de despistar essa nossa vocação e, em vez de ficar inventando outras parábolas, que a gente se renda a essa principal e não se deixe iludir com o aparato da técnica. Na verdade, a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica. (KRENAK, 2019, p. 31).

Foi através de paraquedas coloridos, alguns mais elaborados do que outros, que me deparei com uma experiência única ao participar da disciplina de Ensino de Língua Portuguesa para Surdos durante o 6º semestre do curso de Educação Especial. Essa experiência foi relatada e analisada metodologicamente, oferecendo uma visão detalhada do ocorrido a partir da perspectiva do narrador. O relato de experiência é uma forma de expressar vivências de forma subjetiva e detalhada, compartilhando informações cientificamente embasadas.



Esse tipo de texto aborda experiências relacionadas ao contexto acadêmico, buscando aprimorar a formação acadêmica e profissional por meio da identificação, diferenciação e reflexão crítica sobre experiências próximas e distantes. A primeira envolve experiências informais, não acompanhadas de reflexão crítica ou sua aplicação em outras situações ou com outras pessoas (GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

Já a segunda é intencionalmente utilizada para compreender, criticar e refletir sobre acontecimentos, buscando uma explicação estruturada do conhecimento com embasamento teórico-metodológico através da aplicação crítica e reflexiva (experiência remota).

Este trabalho utiliza o relato de experiência para compreender qualitativamente a presença ou ausência do Estado de Recreio nas estratégias desenvolvidas pelos professores de Educação Especial em formação, com base na experiência descrita a seguir. A disciplina abordou diversas inquietações, incluindo a proposta de pensar em estratégias e intervenções para estudantes surdos. Importante ressaltar que durante a disciplina houveram dez planos de aula e no artigo serão detalhados apenas quatro.

Ao elaborar os planos de ensino, fomos instigados a questionar: o tema escolhido fará diferença na aprendizagem para a vida desses estudantes? Que consequências esse aprendizado trará para suas famílias, que também estarão aprendendo junto? Que movimento de aprendizagem pode ocorrer?

Com base nessas inquietações, as aulas buscaram proporcionar a compreensão do significado da Língua Portuguesa para os surdos, abordando aspectos relevantes da produção textual nessas comunidades. A disciplina foi dividida em três unidades: na primeira, exploramos o significado da escrita na educação dos surdos, a Língua de Sinais como suporte linguístico para a aprendizagem da Língua Portuguesa (L2) e a gramática da Língua Portuguesa como segunda língua. Na segunda unidade, abordamos as características da produção escrita dos surdos e a produção de textos por eles.

E, por fim, na terceira unidade, discutimos a coesão e coerência na escrita dos surdos. É importante destacar que a disciplina não teve caráter expositivo, pois tratava-se de uma turma de futuros educadores especiais, e enfatizou-se a extrema

importância da participação de todos, por meio de discussões, proposições e práticas que sugerissem a ideia/conceito de "brincar com palavras". Isso culminou na atividade avaliativa final, que consistiu em elaborar um planejamento com atividades que contribuíssem para a alfabetização de estudantes surdos.

Os planos de aprendizagem e alfabetização para pessoas surdas foram cuidadosamente elaborados pelos professores da turma de Educação Especial e aplicados em turmas de estudantes surdos. Durante a implementação, todos os professores estavam presentes, porém, um deles era escolhido para orientar as práticas em cada plano de aula. O compartilhamento dos relatos e experiências ocorreu em reuniões na disciplina de Educação Especial.

Nessas trocas, os professores sentiram uma profunda satisfação e um grande senso de colaboração, pois puderam discutir desafios e sucessos, compartilhar estratégias eficazes e fortalecer o sentimento de comunidade e apoio mútuo. A troca de experiências enriqueceu a prática de todos, proporcionando um ambiente de aprendizagem contínua e crescimento profissional.

Um dos planos de aprendizagem foi desenvolvido com base no tema da alfabetização a partir dos interesses dos estudantes. Esse plano foi concebido para ser aplicado a uma turma de surdos, composta por dez estudantes da Educação de Jovens e Adultos, que são fluentes na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

O plano tinha uma duração de três momentos: um em sala de aula, outro no pátio da escola e um terceiro pela cidade. Na parte prática do planejamento, os professores levariam os surdos ao centro de Santa Maria/RS para colocar em prática o que já havia sido trabalhado. Após a conclusão das atividades, eles apresentariam aos estudantes um aplicativo, que mostra as rotas dos ônibus, horários e paradas correspondentes. A partir desse planejamento, é evidente a presença do Estado de Recreio. Primeiro, porque se trata de uma prática diferenciada que permite ao estudante vivenciar o ensino de forma corporal e sensorial, envolvendo:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão

e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas de liberdade (FREIRE, 2010, p. 107).

A partir dessa responsabilidade brincante enfatizada pelo professor, fica clara a importância de uma estratégia recreativa de ensino e aprendizagem para estudantes surdos. Nesse contexto, foi possível utilizar o jogo do ônibus como uma abordagem para o ensino de localização e percepção espacial. O próximo planejamento teve como tema a narração de histórias e tinha como objetivo envolver todos os estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola para surdos.

Inicialmente, a atividade seria proposta em grupos de duas ou três crianças, nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da escola para surdos. Cada grupo receberia a tarefa de criar uma história em conjunto, sendo fornecidos previamente um cenário, um personagem principal, um vilão e um objeto que deveriam ser utilizados na criação da história. Para isso, cada grupo receberia um dado que seria jogado quatro vezes consecutivas. Cada número sorteado no dado, de um a seis, teria opções correspondentes de cenários, personagens, vilões e objetos disponíveis em uma tabela.

Após os números serem sorteados, os alunos poderiam consultar a tabela para identificar quais elementos utilizar na criação da história. Com os temas definidos, os alunos seriam desafiados a explorar a criatividade, o raciocínio e a interação para discutir e escrever a história. Eles teriam a liberdade de nomear os personagens e vilões, especificar o local onde a história se passaria e até mesmo criar outros personagens e destinos para o enredo. Cada turma seria estimulada a produzir uma história de acordo com seu nível escolar, sendo exigido um nível de complexidade maior para turmas mais avançadas. Além disso, os alunos seriam convidados a criar ilustrações de cenas importantes da narrativa.

Após a criação das histórias, os estudantes seriam desafiados com uma nova etapa. A professora proporia a cada grupo participante que contasse sua história em LIBRAS, a fim de criar uma coleção de narrações. Com a mediação da professora, cada grupo planejaria sua apresentação de forma que todos os membros pudessem contar uma parte da narrativa ou até mesmo interpretar os personagens.

Ao finalizar as apresentações, todas as histórias seriam disponibilizadas para os estudantes e seus pais, com acesso garantido. Caso os pais autorizassem, as histórias seriam publicadas no YouTube, permitindo que todas as crianças surdas, professores e pessoas fluentes em LIBRAS pudessem ter acesso e desfrutar dessas histórias.

O Estado de Recreio presente nesse planejamento proporcionaria estímulo à criatividade, imaginação e coerência nas narrativas:

A estimulação de habilidades dramáticas baseia-se na ideia defendida por John Somers (2008) de que a criação de narrativas é um aspecto indispensável da experiência humana. Para este autor, o ato de criar histórias nos permite “organizar momentaneamente a experiência em uma série de memórias, prever um futuro e experienciar através da história dos outros aspectos do mundo que não experienciamos nós próprios (MONTHERO, 2011, p. 169).

Skliar (1998) argumenta que precisamos contar histórias, narrar, pois a vida é uma forma de artesanato narrativo. É essencial criar as condições para que não apenas os artistas, mas todos os professores e estudantes, possam participar dessa prática, a fim de transformar a escola em um lugar narrativo, em vez de ser apenas descritivo, conceitual, lexical, gramatical e retórico. É fundamental permitir que todos tenham voz, especialmente aqueles que são silenciados, caso contrário, outros contarão suas histórias em seu lugar, usando palavras que não lhes pertencem.

Desde o nascimento, estamos imersos em narrativas. Para isso, precisamos contar sobre nós mesmos, sobre como os outros nos afetam, sobre outros mundos, lugares e tempos. Para narrar, é preciso estar atento e adotar uma postura de escuta profunda, considerando também a perspectiva do surdo, que é uma escuta visual. Devemos estar abertos para ouvir as narrativas dos outros, como mencionado por Skliar (1998), pois é necessário conhecer histórias em letras minúsculas para poder multiplicá-las e assim compor esse mundo de narrativas.

O planejamento subsequente tinha como objetivo ser trabalhado com crianças surdas do 2º ano do Ensino Fundamental, que estariam em processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, mas já possuíam fluência em LIBRAS. No entanto, pessoas ouvintes que conheciam o alfabeto ou que tinham interesse em

aprender também poderiam participar da brincadeira. No planejamento, equipes compostas por pais e filhos teriam que contar uma história usando todas as palavras secretas que sua equipe conseguiu decifrar. Essa narrativa deveria ter um começo, meio e fim, e seria incentivada a utilização da imaginação, criatividade, movimento e expressão corporal para realizar a tarefa.

Esse planejamento incorporou o Estado de Recreio e me fez refletir sobre a importância do jogo na Educação de Surdos, especialmente quando envolve a participação da família, que muitas vezes negligencia a necessidade de aprender e ensinar junto com seus filhos. Imersos em estratégias lúdicas, pais e filhos podem se conhecer e se reconectar de maneira significativa:

Na família, a práxis libertadora, tem como atitudes, características a horizontalidade – igualdade de valor – respeito e escuta às urgências dos filhos/educandos, sem desconsiderar as próprias. Trata-se, basicamente, do reconhecimento de si e do outro como sujeitos e de que há um saber em cada membro da família. Caracteriza-a uma atitude esperançosa, identificando os filhos (e os pais) como "seres mais além de si mesmos" – como "projetos" (FREIRE, 1970, p. 73).

A esperança que surge no Estado de Recreio é evidenciada quando as famílias e os pais redescobrem o prazer de brincar, sentar no chão e se divertir junto com seus filhos - essa é a essência e a beleza do ensino! O planejamento seguinte teve como tema "Ludicidade e sentimentos: o poder das palavras" e foi desenvolvido para a Educação Infantil Regular com inclusão.

Inicialmente, seria proposta a leitura do livro "O Monstro das Cores" de Anna Llenas, e os alunos seriam questionados sobre suas impressões em relação ao livro: O que é? Sobre o que é? O que você vê? Nesse sentido, a professora construiria um "emocionômetro" com palavras escritas pelo estudante (em português) durante a aula anterior e pediria que ele marcasse o sentimento que estivesse experimentando no momento.

Esse plano de aula me fez refletir sobre o poder de trabalhar os sentimentos com os estudantes surdos, algo que muitas vezes negligenciamos ao longo do tempo, como se sentir fosse algo errado. Em algumas de nossas abordagens metodológicas, sentimos tanto medo de sermos incompreendidos ou vulneráveis

que acabamos reprimindo muitos sentimentos. No entanto, é necessário falar sobre eles, compreendê-los e aceitá-los.

Ao abordar os sentimentos, os surdos podem compreender de forma concreta algo que é frequentemente reprimido em nossa experiência. O próximo plano de aula é intitulado "O que podemos descobrir sobre e com as palavras" e foi desenvolvido para o 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular com inclusão de estudantes surdos.

Cada grupo receberia uma palavra sorteada para trabalhar e teriam que pensar em como definir essa palavra, encontrando um conceito com base em suas próprias ideias. Além disso, deveriam considerar possíveis sinônimos para as palavras. Após a primeira aula, os estudantes levariam a palavra para casa e discutiriam com seus pais ou responsáveis sobre suas definições, refletindo sobre a importância da palavra tanto no contexto escolar quanto no familiar.

A atividade final consistiria na criação de um dicionário da turma, contendo todas as palavras descobertas e suas derivações, com os respectivos significados construídos coletivamente. Esse dicionário seria apresentado em formato de vídeo, legendado em Português e interpretado em LIBRAS, e seria compartilhado com as outras turmas e divulgado pela escola, com a autorização dos pais. A ideia era permitir a circulação das ideias construídas além da própria turma. Durante a fase de gravação, os alunos poderiam auxiliar a professora, ajudando a organizar o espaço, elaborar um roteiro, segurar a câmera, entre outras tarefas.

Esse plano de aula evidencia a poder das palavras na Educação de Surdos, especialmente ao descobrir seus significados em conjunto com seus familiares, transformando esse Estado de Recreio em uma oportunidade de recreação com palavras em família:

É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão. Aproveitando-se, então, exemplos concretos da própria experiência dos alunos durante uma manhã de trabalho dentro da escola, no caso de uma escola de crianças, estimulá-los a fazer perguntas em torno da sua própria prática e as respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar, conhecer estariam juntos (FREIRE, 2014, p. 26).



Frente aos planejamentos mencionados, com o objetivo de valorizar o brincar e a representação simbólica, a discussão sobre o Estado de Recreio potencializa uma nova concepção do tempo do recreio escolar na Educação de Surdos. Esse momento se revela como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento de habilidades relacionais e corporais, contribuindo para a formação da cultura lúdica dos estudantes surdos e, por consequência, para sua formação como sujeitos.

Essas reflexões me fazem questionar por que não considerar os sujeitos surdos como crianças "daveneiras". Como afirmou Bachelard (1996, p. 119), "a infância permanece em nós como um princípio de vida profundo, sempre relacionado à possibilidade de recomeçar". Essas descobertas têm um impacto significativo em minha formação como professora na Educação Especial, mostrando que uma infância rica em experiências salva e uma escola em "Estado de Recreio" transforma, e efetivamente inclui, se o educador for um professor recreio:

(...) se ele for agressivo, sua sala também o será; se for lúdico, sua sala também o será. O líder dá tom ao espaço por ele liderado, seja para o lado positivo, seja para o negativo e isso dependerá de sua filosofia existencial, traduzida em atos práticos no cotidiano e dos cuidados consigo mesmo (LUCKESI, 2014, p. 22).

Essa inclusão proporciona um espaço para o devaneio, como descreve Bachelard (1996, p. 94): "seu devaneio não é simplesmente um devaneio de fuga, é um devaneio de alçar voo". Em meio a esta alavanca, surgem as histórias, encontros, professores, alunos e recreios:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019, p. 13).

Em meio aos meus devaneios e histórias, de repente, ouço o sinal...

Poxa! É mesmo a hora de voltar para a sala de aula?

Ao analisar as práticas e planejamentos apresentados na disciplina de Ensino de Língua Portuguesa para surdos, pude estabelecer conexões entre três vertentes: Estado de Recreio, Formação de Professores e Educação Especial. Ao refletir sobre o recreio, percebi que ele vai além do tempo tangível e esperado. É um momento de experiência, jogo, brincadeira e borboletas no estômago. Essa atmosfera não precisa se limitar a vinte minutos, pode ser incorporada à sala de aula.

Durante as discussões, percebi que uma aula pode proporcionar o mesmo efeito estimulante do recreio. A Educação não precisa ser séria, sisuda ou tradicional. Ela pode ser um estado de recreio onde a experiência se faz presente. O estado de recreio também pode ser vivenciado pelos professores. Para isso, é necessário sair da zona de conforto, criar paraquedas coloridos e mergulhar no universo da surdez, dos surdos, de corpo e alma. Devemos tirar os estudantes surdos da sala de aula e das fileiras, desafiá-los, surpreendê-los e criar expectativas com relação ao aprendizado. É preciso sair da rotina, do tédio e do copiar e colar. Devolver o brincar, o jogar, estar junto, criar juntos e estimular o corpo brincante em nossas práticas educacionais.

A partir dessas reflexões, pude definir meu objetivo geral: compreender o estado de recreio, por meio de estratégias brincantes, na formação de professores que trabalharão com corpos surdos. Além disso, estabeleci objetivos específicos, como discorrer sobre o conceito de estado de recreio, destacar a importância de metodologias lúdicas no ensino e aprendizagem na Educação Especial e na Educação de Surdos.

No primeiro sinal, convidei os estudantes para o recreio escolar, buscando envolvê-los, divertir-nos juntos e lembrar ou recriar infâncias na Educação Especial. Essa abordagem brincante pode minimizar barreiras e construir pontes arco-íris de aprendizagem.

No segundo sinal, busquei recriar o estado de recreio na sala de aula, mesmo durante o ensino remoto. Essa experiência despertou em mim uma curiosidade

infantil, ansiosa por descobrir brincadeiras com palavras. A cada encontro, me questionava sobre as descobertas e brincadeiras que estavam por vir.

Ao analisar os planos de aula, tentei colocar-me no lugar dos estudantes surdos, entendendo seu contexto e respeitando suas vontades. Em alguns momentos, identifiquei tentativas de promover momentos lúdicos de aprendizagem, mesmo dentro de uma abordagem mais tradicional e automatizada. Percebi uma sementinha de esperança, uma pequena abertura para uma nova concepção da Educação de Surdos, repleta de desafios e recreios.

Em meio à seriedade e ao ensino tradicional, pude identificar momentos em que se buscava promover experiências lúdicas de aprendizagem. Mesmo que de forma automática, essa abordagem continha uma pequena semente de esperança, um guarda-chuva colorido que se abria para um vasto universo de recreios e desafios, trazendo uma nova concepção da Educação de Surdos. A análise realizada ao longo deste estudo evidenciou a necessidade de transformar paradigmas e repensar o ambiente escolar. É fundamental que esse contexto possua um significado profundo para os estudantes. Precisamos descarrilar o trem chamado Educação.

Eu não queria voltar para a sala... queria continuar brincando! No entanto, os pais levaram Lili para a cama, e o jogo chegou ao fim. Talvez seja hora de dormir, talvez seja hora de retornar à sala de aula. Existe uma parte de mim que deseja permanecer no recreio escolar, enquanto outra insiste em estimular esse estado em outros espaços escolares. Ao longo dessas reflexões e devaneios compartilhados por escrito, assumo meu papel como professora em formação na Educação Especial, e também como a criança que fui e ainda sou, muitas vezes não ouvida (por isso me conecto com estudantes surdos).

Sou aquela que sonha, que vive em seu mundo, em seu castelo de areia que se transforma em um muro de concreto, habitado por dragões e princesas. Estou devaneando, criando e sendo eu mesma. No entanto, muitas vezes, o adulto, frequentemente ouvinte, chega e derruba esse muro de concreto. Grita comigo, diz que estou suja e pede que eu cresça. Esse devaneio poético acaba por transformar-se em um adulto cinza e sem cor, que mascara suas próprias

potencialidades e se vê obrigado a ser "normal" para se encaixar no mundo. Esse devaneio colorido, quase arco-íris, vai se apagando e se ocultando sob as normas sociais.

Nessa luta social, surge o Estado de Recreio, uma abordagem metodológica brincante que convida a todos: "Vamos brincar também na sala de aula?". O sinal toca, os estudantes retornam à sala. Ainda há sinais visíveis em seus corpos, corações acelerados, suor, risos, histeria, cansaço, vermelhidão, adrenalina. O recreio ainda não acabou...

Referências

ALVES, L. **Brincadeiras e jogos de raízes africana e indígena em Poço Redondo**. 2021. 67f. Monografia - Uni AGES – Licenciatura em Educação Física, Paripiranga (SE), 2021.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: A criança, o brinquedo, a educação (M. V. Mazzari, Trad.). São Paulo: Summus, 1984

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Devir intenso, devir animal, devir imperceptível**. Em G. Deleuze & F. Guattari (Orgs.), *Mil platôs* (Vol. 4, pp.11- 113). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras. 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

FREIRE, P. Education for awareness a talk witt Paulo Freire. **Obra de Paulo Freire; Série Entrevistas**, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

GODOY, L. B; NOGUEIRA, L. F; FABIANI, D. J. F; SCAGLIA, A. J. Reflexões sobre o brincar na sociedade contemporânea. **Ludicamente**, v. 10, n. 20, p. 45-56, 2022.

GROLLMUS, N. S. TARRÈS, J. P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Forum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEAL, L. et al. A ludicidade como princípio formativo. **Educação**, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2013.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Paris: PUF, 2003.

LUCKESI, C. **Ludicidade e atividades lúdicas uma abordagem a partir da experiência interna**. Disponível em: www.luckesi.com.br. Acesso: mar. 2006.

LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 3, n. 2, 2014.

MONTHERO, W. **Em processo**: Imagens e memórias como materiais de criação no contexto do Drama. Urdimento (UDESC), Florianópolis, vol.02, n.17, p. 1-8, setembro 2011.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OSTROWER, F. **Criatividade; Processos de criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

PORTO, B. **Educação e ludicidade**. Ensaios 3. Salvador: UFBA, 2004.

RYNGAERT, J. **Jogar, representar**. Paraná: Editora Cosac Naify, 2009.



SANCHES, M. J. P. **Entre reinos, planetas e canetinhas**: processos de drama com crianças. 2018. Monografia - UFSM – Licenciatura em Teatro, Santa Maria (RS), 2018.

SOUZA, K. R. R. **As crianças e o recreio**. Investigando as relações de pares nos primeiros anos do Ensino Fundamental. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia)– UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, J. **Recreio escolar e seus tempos**: a voz da criança. 2019, 108p. (Programa de Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Grande Dourados, Mato Grosso Sul, 2019.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.